

## A Espada

*por H. P. Blavatsky*

No mundo profano, tem-se o costume de considerar a espada como uma tradição essencialmente guerreira e portanto, motivo de temor Não se pode contestar que existe um aspecto guerreiro neste símbolo; porém, seu sentido esotérico transcende seu caráter de violência e é encontrado em várias Ordens e crenças religiosas, tais como no Islamismo, Cristianismo, bem como na maior parte das demais tradições.

A própria tradição Hindu, que não poderíamos chamar de essencialmente guerreira, possui também esse símbolo, como cita-nos o Bhagavad-Gita. Segundo a Doutrina Islâmica, no domínio social, o uso da espada na guerra, é válida enquanto dirigida contra aqueles que perturbam a ordem e unicamente, com o objetivo de reconduzi-los a essa ordem.

É claro que por conta dessa premissa, muito sangue inocente já tingiu a terra; pois a decisão do que está fora ou dentro da “Ordem”, geralmente é decidida por extremistas, sejam muçulmanos, católicos, protestantes, etc. No entanto, este aspecto do uso da espada é o chamado pelos próprios Islamitas como “O menos essencial”.

Existe um outro aspecto em que ela simboliza a luta que o homem deve conduzir contra os “Inimigos da Luz” e contrários à ordem e à Unidade de Deus. A “guerra” sempre estabeleceu o equilíbrio e a harmonia (ou justiça) e assim, proporcionou a unificação de certo modo, dos elementos em oposição entre si.

Isso quer dizer que o seu fim normal e sem dúvida sua única razão de ser, é a paz que só pode ser verdadeiramente obtida pela submissão à vontade divina colocando cada elemento em seu lugar com a finalidade de fazê-los todos concorrerem para a realização consciente de um mesmo Plano.

Citando novamente a Tradição Islâmica, existe uma frase de seu Profeta, que era pronunciada toda a vez que o exército muçulmano voltava de uma expedição contra os inimigos exteriores: - “RAJÂNA MIN EL JIHÂDIL-AÇGHAR ILA ‘L-JIDÂDILAKBAR”. (Voltamos da Pequena Guerra Santa para a Grande Guerra Santa)

Se a guerra exterior era apenas a “Pequena Guerra Santa” é porque só tinha uma pequena e secundária importância, em face da “Grande Guerra Santa” que era a guerra interna travada dentro de cada um, contra seus próprios “demônios”. A Grande Guerra Santa, visa purificar o Templo Interior de cada Guerreiro. É evidente, nessas condições, que tudo o que serve à guerra exterior, pode ser tomado como símbolo no que se refere à guerra interior, o que é o caso em particular e em especial, da espada.

Podemos acrescentar que a espada é em geral associada ao relâmpago ou considerada como derivada dele, o que representa de modo sensível, a forma bem conhecida da ESPADA DE LUZ OU FLAMEJANTE (se entender-mos que é o símbolo da Luz) ou, FLAMÍGERA (se entendermos que sua Luz é apenas reflexo da Luz do guerreiro que a empunha). Lembramos porém que, todo símbolo verdadeiro encerra sempre uma pluralidade de sentidos que longe de se excluírem ou de se contradizerem, harmonizam-se e complementam-se mutuamente; portanto, o assunto não está encerrado; apenas analisado sob alguns aspectos.

A espada representa também, o poder da palavra; do Verbo Divino ou de uma de suas manifestações. Quanto ao gume duplo, representa o duplo poder criador e destruidor desta

“palavra”. Esse simbolismo é válido ainda para todo o conjunto de forças cósmicas, de modo que sua aplicação à palavra, é apenas um caso particular, mas que, em razão da concepção tradicional do Verbo e de tudo o que nela implica, pode ser tomado para representar em seu conjunto, todas as outras aplicações possíveis. A espada é associada também ao raio provocado pelas nuvens, ao raio solar e também (assim como a lança), ao eixo do mundo. A dualidade de seu gume por estar associada ao próprio sentido do eixo, refere-se mais diretamente às duas correntes inversas da Força Cósmica; ou, mais conhecidas como os Lados Claros e Escuros da Força.

Este simbolismo axial nos reconduz à idéia de harmonização concebida como “A Meta” da Guerra Santa, quer interior, quer exterior, pois o eixo é o lugar em que todas as oposições se reconciliam e desvanecem, entrando em equilíbrio perfeito. Assim, sob este ponto de vista, a espada não apenas representa um meio mas também o próprio fim a alcançar. Na Idade Média, a espada era o “Símbolo do Guerreiro”; a distinção máxima que alcançavam apenas os nobres de título ou profissão. O Bushidô ou Código do Guerreiro Japonês, ensinava que um Samurai deveria portá-la com sua lâmina, impecavelmente polida, o que significaria refletir em sua arma, sua própria alma, limpa e pura; sem nódoas e de forma alguma poderia temer a morte mais do que a desonra de um ato indigno ou covarde. Sua honra, formada pelo seu Bushidô, seria sua testemunha.

Aliás, esta premissa é, ditas em outras palavras, a primeira instrução ministrada ao Iniciado. O Guerreiros, tanto da Idade Média como atual, tinham e têm na espada, o seu símbolo máximo de honra; não porque seja uma arma que ceifa vidas humanas, mas porque é um símbolo utilizado em defesa de um Código de Honra fundamentado em ensinamentos de seu Templo ou Círculo Interno. A posse da espada, não significa de forma alguma o direito absoluto de uso indisciplinado ou sua ostentação arrogante. Um Samurai tinha o direito de decapitar um vassalo apenas para verificar se o seu Katana estava afiado; porém tinha também a obrigação de dar a própria vida em defesa destes mesmos homens que viviam sob sua proteção. Era a harmonia dos contrários.

Tanto nestas épocas remotas como em nossa atualidade, a partir do momento em que nosso Poderoso Círculo Interno de Força Luz e Poder, adquire o direito ao seu símbolo máximo, representado pela espada, torna-se na realidade, um Guerreiro da Luz, cuja sublime missão é projetar em sua lâmina translúcida de pureza, todo o seu Esplendor, tornando-se então um Guia, cuja missão principal é mostrar aos menos afortunados o verdadeiro caminho para o retorno à Unidade de Deus e toda a Glória de seu Templo. Cada Guerreiro, desde a Era Feudal até a de Aquário, deve desejar sua espada esforçando-se por merecê-la e quando houver atingido este objetivo, fazer jús à honra de possuí-la; pois, a partir deste momento, ele não será mais um homem comum. O Guerreiro e seu símbolo sintetizam de algum modo, os dois aspectos de “Tudo” em sua significação “Total”.

Extraído do livro "*A Doutrina Secreta*" de H. P. Blavatsky